

Clube de Paris mantém acordo da dívida externa com o Brasil

HELENA CELESTINO
Correspondente

PARIS — Continua valendo o acordo do Brasil com o Clube de Paris. O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, deve receber a boa notícia em três dias através de uma carta, assinada pelo diretor do Tesouro da França, Jean Claude Trichet, informando que os representantes de 13 países da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial aceitaram o pedido de **waiver** (dispensa do cumprimento de uma cláusula)

feito pelo Governo brasileiro.

Na carta, Trichet diz que os credores compreendem que o plano do ministro Fernando Henrique precisa de alguns meses para começar a dar resultados e, por isso, não fixaram nenhum prazo para que o Brasil feche o acordo com o FMI.

— Apesar disto, os credores deixam claro que têm o maior interesse em que o Brasil e o FMI cheguem logo a um acordo — comentou o embaixador brasileiro em Paris, Carlos Alberto Leite Barbosa.

A decisão significa que continuam em vigor as condições, acertadas em fevereiro de 92, para o reescalonamento da dívida brasileira, muito mais suaves do

que as previstas no contrato original. Tanto a França quanto os Estados Unidos defenderam um prazo maior para o Brasil chegar a um entendimento com o FMI, o que pelo acordo com o Clube de Paris deveria ter sido feito até 31 de dezembro de 1992, prazo depois estendido até 31 de maio. Os credores levaram em consideração que o Brasil vem cumprindo os seus compromissos internacionais, além de já ter fechado 11 acordos bilaterais para renegociação da dívida. Pensaram também o fato de o país estar com reservas internacionais bastante elevadas e um bom desempenho no comércio exterior.

— O importante é que os cre-

dores mostraram que não têm nenhum interesse em romper o acordo fechado com o Brasil — afirmou o embaixador.

O fato de não ter sido dado um novo prazo pode ser uma faca de dois gumes. Aparentemente muito favorável, esta decisão significa também que, a qualquer momento, os credores podem achar que o entendimento está demorando e decidirem interromper o acordo. De uma certa maneira, o Brasil fica refém dos credores.

— Não há nenhuma reunião marcada no Clube de Paris para rediscutir o caso. Aparentemente, o **affair** está encerrado — disse Leite Barbosa, ressaltando que, se houver um fato novo, a discussão pode ser reaberta.